

**SERIA A VILANIA, O FIM DAS JUVENTUDE(S)? NARRATIVAS
PRODUZIDAS EM *ESPELHO, ESPELHO MEU***

*Eixo Temático 26 – Juventudes Contemporâneas: articulações com
estudos culturais, gênero e sexualidade*

Olívia Pereira Tavares ¹
Carin Klein ²

RESUMO

Na perspectiva dos estudos culturais pós-estruturalistas e de gênero, esta pesquisa propôs olhar para as narrativas de vilania tramadas em cenas do longa-metragem - *Espelho, espelho meu* (2012) - e os atravessamentos geracionais constituintes da personagem Rainha. A partir de três cenas selecionadas, buscou-se problematizar: que os discursos de juventudes parecem ser mobilizados nas cenas? Seria a vilania, um marcador de término da etapa da vida juvenil? As estratégias acionadas poderiam estar criando possibilidades de um alargamento temporal do ser jovem? Para dar conta destas problematizações, buscou-se inspiração nos procedimentos de etnografia de tela, operando com conceitos como gênero, geração, juventudes e discurso.

Palavras-chave: Etnografia de tela, gênero, geração, juventudes, vilania.

MANTER-SE A MAIS BELA: UMA INTRODUÇÃO

*Era uma vez, num reino muito, muito distante, uma menininha que acabava de nascer. Sua pele era branca como a neve, seu cabelo era escuro como a noite. Deram a ela o nome de Branca de Neve. Na certa, porque não acharam um nome mais pretensioso. Quis o destino, que a mãe de Branca de Neve morresse ao dar à luz. Tendo ficado sozinho, o pai mimou a menininha. Claro que ele tinha condições. Ele era o Rei (...). O Rei criou a menininha sozinho, preparando-a para um dia governar. Mas, com o tempo, ele percebeu que não podia ensinar a ela certas coisas. **Então procurou uma***

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) – Canoas/RS, olviatav@hotmail.com;

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Luterana do Brasil – Canoas/RS, carin.klein@ulbra.br.

nova rainhá. Essa Rainha era a mulher mais linda do mundo. Ela era inteligente e forte. E, só para deixar claro, essa Rainha era eu. E esta é minha história, não dela. Fascinado pela minha beleza, o Rei me implorou para casar com ele. Eu era tudo para ele: as estrelas, a Lua...

*Narração da personagem Rainha
Filme Espelho, Espelho meu (2012).*

A narração que abre este trabalho introduz o filme *Espelho, Espelho meu* (2012). Este trecho tem como narradora a personagem da Rainha, interpretada por Júlia Roberts. A obra fez uma releitura do clássico conto de fadas *Branca de Neve e os sete anões*, no qual a produção buscou uma perspectiva da história que fosse contada pela antagonista da Princesa. O seu roteiro, assim como o trecho narrado pela Rainha, parece ser tramado na relação entre o ser e manter-se sendo “a mulher mais bela”.

Obras literárias infantis e/ou de contos de fadas, assim como as animações e produções roteirizadas a partir delas, tendem a apresentar tramas, no qual a protagonista passa por uma série de dificuldades devido à presença de sua malvada antagonista: a vilã da história. Esta dicotomização entre bem e mal parece, nestes tempos, estar sendo relativizada, borrada - em releituras fílmicas em versão *live-action* - ao buscar apresentar vilãs humanizadas e ambivalentes. Em muitos casos, aquelas que eram as vilãs acabam por ser posicionadas de outro modo, abrindo possíveis brechas de produção de discursos sobre a vilania, que tendem a fugir de um maniqueísmo, em que o bem e o mal estariam em polos opostos.

Nos rastros de cenas do filme *Espelho, espelho meu* (2012) propus olhar quais os discursos tramados e mobilizados pela personagem da Rainha e como o gênero e a geração constituem a personagem. Nesta direção, importou problematizar quais os discursos são mobilizados nas cenas selecionadas? Seria a vilania, um marcador de término da etapa da vida juvenil? As estratégias acionadas podem criar possibilidades de um alargamento temporal do ser jovem?

Em busca de dar conta das perguntas apresentadas, a seleção de cenas partiu da narração inicial e que marca a posição da Rainha como protagonista nesta trama; a chegada do Príncipe ao palácio e o desejo/interesse da Rainha em torná-lo “seu Rei”; e uma série de tratamentos estéticos que buscam manter a aparência jovem e bela da Rainha, tornando-a desejável. Por meio de processos inspirados na etnografia de tela, estas três cenas foram “desmembradas”, em busca de tornar possível o vislumbre de

uma série de elementos que a compõe. Em seguida, estes distintos elementos foram recompostos, de modo a olhar para como os discursos são produzidos e de que modo nos apresentam os traços e as marcas que constituem e posicionam a personagem da Rainha na trama e sua busca em permanecer “a mais bela”.

Para operar análises na seleção de cenas, os conceitos acionados foram gênero, geração, juventudes e discurso. O conceito de gênero é apresentado como um constructo social, cultural e linguístico, que articulado a outros marcadores, organiza os sujeitos em relações de poder. Tramas estas que produzem modos e vivências de masculinidades e feminilidades. É possível dizer ainda que gênero seria uma “teoria explicativa dos processos históricos e culturais de construção do masculino e feminino que, se pode dividir, normatizar e hierarquizar, também pode abrir brechas, acolher as diferenças e multiplicar possibilidades de 'vidas vivíveis'” (PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p. 13).

Como já foi dito, os modos de se constituir o gênero podem ser múltiplos, conforme os outros marcadores que atravessam os sujeitos, como por exemplo, a geração. Este conceito pode ser apresentado como um organizador social que, “não possui eficácia senão articulado gênero, raça e/ou sexualidade, entre outras formas de interpelação do sujeito na contemporaneidade” (POCAHY, 2018, p. 10). Ele parece nos possibilitar distinguir os sentidos que se atribui aos sujeitos femininos e masculinos e do que é im(possível) dizer sobre eles em cada etapa da vida. Nesta direção, as idades poderiam ser descritas como “uma dimensão fundamental na organização social: a incorporação de mudanças dificilmente se faria sem uma nova cronologização da vida” (DEBERT, 2010, p. 61). Todavia, “os conceitos geralmente utilizados como classificatórios da idade são crescentemente ambíguos e difíceis de definir. Infância, juventude ou velhice são categorias imprecisas, com limites borrados” (MARGULIS; URRESTI, 2000, p. 13). Com o que foi dito até aqui, ao associar uma busca incessante pela beleza e em buscar permanecer com aparência jovem - pela Rainha -, que discursos são produzidos? Ser considerada como vilã poderia ser um anúncio de que a juventude terminou? Ou seria, ao contrário, uma busca por não deixar de ser jovem?

Nesta direção importa considerar que, nestes tempos, os discursos produzidos sobre as juventudes estariam passando por um alargamento temporal da ideia do que significa ser jovem, marcada pelo adiamento das exigências da vida adulta. Ainda, a juventude seria vista como um valor simbólico, no qual todas as pessoas deveriam realizar uma busca incansável para mantê-la. Na esteira do que foi dito até aqui, “tais

signos tendem - em nosso tempo - a ser estetizados, a constituir um conjunto de características ligadas ao corpo, com roupas, conforme, e geralmente são apresentados à sociedade como paradigma de tudo o que é desejável. (MARGULIS; URRESTI, 2000, p. 17).

Já o conceito de discurso não se limita a um sistema de signos, mas envolve “[...] saberes e práticas que formam sistematicamente os objetos de que fala [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 55). Na esteira do pensamento foucaultiano, utilizar a ferramenta discurso permite mapear os roteiros construídos para a personagem da Rainha na trama fílmica e como os conhecimentos que a circunscrevem são generificados e com atravessamentos que possibilitam pensar embaralhamentos geracionais.

Nesta direção, a personagem da Rainha seria, assim, constituída por discursos que diz quem ela é e parecem a posicionarem como uma feminilidade que, pela idade, seria considerada não jovem. Todavia, as estratégias de manutenção da juventude e de um anseio de não deixar as marcas do tempo aparecerem - mantendo-se desejável -, parece anunciar uma busca por alargar e manter os significados de ser jovem.

EM BUSCA DE INSPIRAÇÃO METODOLÓGICA: PROCESSOS DE ETNOGRAFAR A TELA

Uma pesquisa com artefatos fílmicos exigem metodologias particulares. Dizer isto, não significa afirmar que há uma “receita” aplicável a todo e qualquer filme que tenhamos a pretensão de analisar a partir dela. Ao contrário, os processos que envolvem a produção de dados a partir de produções cinematográficas precisam se inspirar em percursos metodológicos realizados anteriormente. Observar o modo como foi feito o percurso nos possibilita adaptá-lo, aprimorá-lo e até modificá-lo. Nesta perspectiva, os percursos metodológicos para a realização de uma pesquisa podem ser múltiplos e distintos.

Dentre estas possibilidades, inspirar-se nos processos metodológicos da etnografia de tela pode ser uma alternativa viável para pesquisas com artefatos fílmicos. Para isto, importa consultar obras/pesquisas que tenham se inspirado nos processos metodológicos da etnografia de tela (BALESTRIN, 2011; BALESTRIN & SOARES, 2014; TAVARES, 2018; 2020; 2021; ROBASKY & KLEIN, 2018; ROSA, ZANETTE & FELIPE, 2021).

A etnografia de tela consiste em “um mergulho no artefato fílmico”, de modo a observá-lo e realizar registros durante este processo. Todavia, esta observação extrapola o ato de apenas assistir e exige do sujeito analista conhecimentos da linguagem do cinema. Além dos conhecimentos do campo cinematográfico, há um árduo trabalho que exige um olhar aguçado para as minúcias, rever a mesma cena diversas vezes e estar aberto às possibilidades para as múltiplas possibilidades de ver uma mesma cena. Nesta direção, “a metodologia aqui apresentada como o próprio filme alvo de análise não tem um único sentido; ao contrário, seus sentidos podem ser lidos como plurais, dinâmicos e conflitivos.” (BALESTRIN; SOARES, 2014, p. 90).

ENTRE A VILANIA E O DESEJO DE MANTER-SE JOVEM

No início deste trabalho, a narração que abre o filme foi apresentada, de modo a dar pistas do roteiro tramado para a personagem da Rainha. Este busca enfatizar sua beleza e inteligência encantaram o Rei, exercendo uma influência sobre ele. Todavia, a Rainha que vai conhecer o Príncipe não é a mesma que conheceu o Rei. Tendo, em torno de uma década a mais de vida, ela parece, incessantemente, não desistir de ter/manter sua aparência jovem e bela. Para isto, ela fará uso de procedimentos estéticos e intervenções – antes não necessárias.

A narrativa fílmica parece promover discursos de que para tornar-se/manter-se jovem e desejável aos olhos do Príncipe, a Rainha precisará não demonstrar o tempo de vida decorrido. Nesta direção, “a juventude perde conexão com um grupo etário específico e passa a significar um valor a ser conquistado e mantido em qualquer idade através da adoção de formas de consumo de bens e serviços apropriados” (DEBERT, 2010, p. 51). Todavia, o modo de tardar a passagem do tempo ou não aceitar a “roda da vida”, colocando-se em disputa com a enteada Branca de Neve – que acabou de completar seus dezoito anos - parece marcar e inscrever a Rainha em posição de vilania. Dito isto, ao mesmo tempo que a trama parece produzir um embaralhar os limites entre as idades e circunscrever-se em torno da disputa entre as duas gerações de feminilidades ((DEBERT, 2010) pelo afeto do Príncipe. Parece, também, que o gênero e a geração parecem produzir a vilania neste lugar em que sujeitos femininos parecem não aceitar a ideia de envelhecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da seleção de cenas do filme *Espelho, espelho meu* e os conceitos acionados para operar as análises dos roteiros produzidos sobre a personagem da Rainha, os discursos sobre a vilania parecem se contituir dos atravessamentos de gênero e geração. Nas tramas dessa releitura, a personagem da Rainha busca permanecer sendo a mais bela. Para isso, uma busca incessante por manter o corpo e a pele com aparência jovem e desejável para conquistar o Príncipe.

REFERÊNCIAS

BALESTRIN, Patrícia Abel. *O corpo rifado*. (Doutorado em Educação). Programa de PósGraduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosangela. "Etnografia de tela": uma aposta metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias pós críticas em educação*. 2ª Edição. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 89-111.

DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 49-70, jul./dez. 2010.

ESPELHO, ESPELHO MEU. Direção: Tarsem Singh. Julia Roberts, Lily Collins, Armie Hammer. Burbank: Relativity Media (Cinema) 20th Century, Fox Home Entertainment, 2012. 1 DVD (106 min.), son., color.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventude es más que una palabra. 2ª Edición. In: Margulis, M. (org.). *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 2000. p. 13-30.

PARAÍSO, Marlucy; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. Currículos, gêneros e sexualidades para fazer a diferença. In: _____ (org.). *Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018, p. 13-21.

POCAHY, Fernando; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de; COUTO JR, Dilton Ribeiro (organizadores). *Gênero, sexualidade e geração: intersecções na educação e/m saúde*. Aracaju: EDUNIT, 2018.

ROSA, Cristiano Eduardo da; ZANETTE, Jaime Eduardo; FELIPE, Jane. Da série "Sex Education" aos desafios contemporâneos de uma Educação para a sexualidade. *Textura*, v. 23 n. 53, p. 238-259, 2021.

TAVARES, Olívia Pereira. *Feminilidades (im)possíveis em Malévola: uma abordagem de gênero*. 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

TAVARES, Olívia Pereira. *O corpo híbrido de Malévola como constituinte de identidades em trânsito*. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2020, 140 p.

TAVARES, Olívia Pereira. Entre espelhos, maldições e jogatinas: atravessamentos de gênero, raça e geração na constituição de personagens vilãs em *live-actions* de contos de fadas. *Revista Diversidade e Educação*, v. 9, n. 1, p.324-349, Jan./Jun. 2021.

ROBASKI, Justina; KLEIN, Carin. Representações de Juventudes no Drama: Hello, my twenties! Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico]/organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.